

# A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

## AS 'NOVAS MULHERES': PRESENÇA FEMININA NO MOVIMENTO ANARQUISTA JAPONÊS 1901 - 1926

**Maria Lúcia de Sousa Cortez, Felipe Victor Lima.**

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi,  
2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil,  
marialuciasousacortez@hotmail.com, felipe.victor@univap.br.

### Resumo

O presente trabalho compromete-se a estudar a presença de três mulheres, Kanno Suga (1881 - 1911), Ito Noe (1895 - 1923) e Kaneko Fumiko (1903 - 1926) entre os anos de 1901 e 1926 no movimento anarquista do Japão pré-guerra, através de suas biografias. O objetivo deste artigo é discorrer a respeito desse trio, denominado as 'novas mulheres', para observação da ação feminina nos grupos de esquerda radical contra o imperialismo japonês na primeira metade do século XX. Para a realização deste foram utilizadas fontes primárias para a análise do discurso, como os diários pessoais de Kanno Suga e Kaneko Fumiko, interpretações midiáticas da vida e morte das três mulheres, além de fontes bibliográficas para a contextualização.

**Palavras-chave:** Japão. Feminismo. Socialismo.

**Área do Conhecimento:** Ciências Humanas, História.

### Introdução

Como CRUMP (1996) coloca em "The Anarchist Movement in Japan, 1906-1996", "A imagem popular do Japão é de uma sociedade hierárquica e regimentada, enquanto os japoneses são largamente considerados como servos inabalavelmente leais da ordem social e do estado." (CRUMP, 1996, p.10, tradução nossa). Dessa maneira, pode-se imaginar que discorrer a respeito do movimento anarquista japonês, ainda mais sobre a presença feminina nele, sobretudo no Ocidente, é um tanto quanto desafiador. Existe um desconhecimento generalizado em relação ao que foi ou é hoje a esquerda radical no Japão. No entanto, este trabalho não se compromete a desenvolver amplamente a respeito da história da formação dessa esquerda, mas para apresentar o tema aqui tratado, é necessário um, mesmo que breve, contexto do surgimento deste grupo.

A Restauração Meiji se iniciou em 1868, após uma revolta de um grupo de samurais de baixo estrato social que derrubou o *bakufu* central — também conhecido como xogunato (foi o governo estabelecido por Tokugawa Iyasu em 1603, três anos após a batalha de Sekigahara, marcando assim o início do Período Edo — numa revolução capitalista não-burguesa). A partir deste momento, o Japão entrou num processo de modernização e industrialização, com o surgimento de uma classe trabalhadora, inicialmente formada em sua maioria por mulheres, operárias em fábricas de tecido, filhas solteiras de samurais e camponeses (CRUMP, 1980, p.32). Entretanto, apesar das tentativas de aproximação cultural com o Ocidente, ainda mais após a Guerra Russo-Japonesa, noções confucionistas da elite samurai tradicional que diziam respeito ao papel social das mulheres, enquanto sujeitas passivas presas à esfera doméstica privada foram revividas por volta de 1890 e auxiliaram na construção do ideário de feminilidade moderna (RADDAKER, 2005, p.35), e os bordéis, uma das maiores heranças do período Tokugawa, sobreviveram até 1945 e durante todos esses anos, o número de garotas vendidas cresceu constantemente em conjunto da desigualdade social: "Na década de 1930 quando uma fome séria afetou o nordeste japonês, de 467 garotas e mulheres de idades entre quinze e vinte e quatro anos de uma vila, 110 foram enviadas para bordéis urbanos como prostitutas de contrato" (HANE, 1988, p.10, tradução nossa). Além de tudo, desde 1822, ainda durante o xogunato Tokugawa, as mulheres eram proibidas de fazer discursos políticos e, no final do século XIX, foi proibida a participação delas em qualquer atividade política. Em 1900, as mulheres foram proibidas de formarem organizações políticas pela Lei de Segurança Policial (HANE, 1988, p. 08).

# A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Tabela 1- Trabalhadores e Trabalhadoras de Fábrica.

| Ano  | Geral   | Número de Mulheres | Número de Homens |
|------|---------|--------------------|------------------|
| 1895 | 418,140 | 248,625            | 169,515          |
|      | 434,832 | 261,218            | 173,614          |
| 1896 | 436,616 | 216,960            | 174,656          |
|      | 441,616 |                    |                  |
| 1897 | 437,254 | 234,462            | 182,792          |
|      | 439,549 | 255,305            | 184,244          |
| 1898 | 412,205 | 234,573            | 177,632          |
| 1899 | 408,029 | 256,763            | 151,266          |
|      | 423,171 | 264,387            | 158,793          |
| 1900 | 403,474 | 248,617            | 154,857          |
|      | 422,019 | 257,307            | 164,712          |
| 1901 | 433,813 | 265,909            | 167,904          |
| 1902 | 488,277 | 305,842            | 182,435          |
|      | 498,891 | 313,269            | 185,622          |
| 1903 | 483,839 | 301,435            | 182,404          |
| 1904 | 526,215 | 318,264            | 207,951          |
| 1905 | 587,851 | 347,563            | 240,288          |

Fonte: CRUMP, John. The Origins of Socialist Thought in Japan, 2010

É nessa conjuntura que surge, nos primeiros anos da era Meiji, o *Jiyu Minken Undo* (Movimento da Liberdade e Direitos Humanos). E, mesmo que na realidade o movimento tenha sido liderado por aqueles que ressentiam estarem de fora da nova estrutura de poder e não se voltava para nenhuma questão das massas de fato, muitas mulheres se juntaram ao *Jiyu Minken*, já que a maioria dos ativistas eram convertidos ao cristianismo e seus discursos moralistas buscavam a erradicação do sistema de concubinação e os bordéis públicos (HANE, 1988, p.08). No entanto, logo o movimento se alinhou à elite dominante e muitas das ativistas migraram para círculos emergentes de socialistas, comunistas e anarquistas (HANE, 1988, p.02).

A partir dessa perspectiva, a finalidade deste artigo é refletir a respeito de três mulheres, Kanno Suga, Ito Noe e Kaneko Kumiko, que apesar de no contexto atual serem lidas como feministas, nunca se referiram a si mesmas como tal e, sim, como as 'novas mulheres', e suas ações nos grupos de esquerda radical contra o imperialismo japonês na primeira metade do século XX.

## Metodologia

Para a realização deste estudo foram utilizadas fontes primárias para a análise do discurso, como os diários pessoais de Kanno Suga, "Reflections on the way to the gallows", e Kaneko Fumiko, "What made me like this?", traduzidos do japonês para o inglês por Mikiso Hane, e interpretações midiáticas contemporâneas as três mulheres a respeito de suas vidas e mortes, além de fontes bibliográficas para a contextualização e investigação dos textos supracitados, como o livro "The Origins of Socialist Thought in Japan" de John Crum e o artigo de Hélène Bowen Raddeker, "Anarchism, Feminism and Subjectivity in Imperial Japan: The Gendered Circumstances and Identities of Three Infamous Women".

## Discussão

## A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Ao argumentar a respeito de Kanno Suga, Ito Noe e Kaneko Fumiko, pode-se notar certas características compartilhadas entre as três, como, por exemplo, todas morreram jovens, não tendo passado dos trinta anos, e todas foram mortas pelas mãos do Estado. Para começar, Kanno foi condenada à forca junto de mais onze pessoas, incluindo seu companheiro, Kotoku Shusui, um dos principais líderes anarquistas, em 1911 após todos terem sido acusados de traição por uma suposta conspiração de assassinato ao Imperador Meiji. Com isso, ela é reconhecida por ser a primeira prisioneira política do Japão moderno a ser executada (RADDAKER, 1997, p.03).

Figura 1 - Esboço de Kanno e outros quatro réus no tribunal



Fonte: RADDEKER, Hélène Bowen (1997).

De forma parecida, Noe foi espancada até a morte ao lado de seu companheiro, Osugi Sakae, um líder anarco-sindicalista, e o sobrinho de seis anos dele, logo após o Grande Terremoto de Kanto, durante o período da Lei Marcial da região de Tóquio-Yokohama, em 1923. Na mesma época, além de outros japoneses radicais e milhares de coreanos presos ou mortos, o líder da Sociedade dos Coreanos Insatisfeitos (*Futeisha*), Pak Yeol, e sua amante japonesa, Kaneko Fumiko também foram acusados de conspirar o assassinato de membros da família imperial, assim como Kanno e Shusui, e muitos conservadores da época fizeram uso disto para justificar o massacre de coreanos posterior (RADDEKER, 2005, p.29). Contudo, Kaneko não foi ativamente assassinada, mas se suicidou na prisão três anos mais tarde.

Notavelmente, as três mulheres tiveram relações com homens infames de seus círculos políticos e muitas vezes, inclusive, foram tratadas como meras coadjuvantes das ações deles, inocentemente arrastadas para o cenário (RADDEKER, 2005, p.29). No entanto, nos escritos pessoais das três — visto que todas foram jornalistas, e principalmente Kanno e Noe escreveram artigos para revistas feministas da época, como a *Seitō*, influenciadas por Alexandra Kollontai e Emma Goldman —, elas colocam suas vidas em perspectivas centrais, em especial Kanno e Kaneko, que escreveram suas biografias em contextos de prisões, em que buscaram também significar sua trajetória e morte. Kanno, por exemplo, coloca sua morte como uma “nova vida” e sua morte como a semente para um novo futuro:

Estou convencida de que nosso sacrifício não será em vão. Vai florescer no futuro. Estou confiante disso porque creio firmemente que minha morte vai servir a um propósito valioso. Eu vou ser capaz de manter meu respeito próprio até o último momento no andaime. Eu vou estar envolvida no maravilhoso pensamento confortante de que estou me sacrificando pela causa. (Diário de Kanno do dia 19 de Janeiro, traduzido do japonês por Mikiso Hane, 1988, p. 61, tradução nossa)

Todavia, Noe não escreveu nenhuma biografia como as outras duas, mas, assim como Kaneko e outras mulheres japonesas da esquerda radical — num contexto já posterior a morte de Kanno — aderiu a identidade ‘egoísta’, muito associada com o anarquismo individualista e o egoísmo ético da

# A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

filosofia de Max Stirner e o niilismo nietzschiano, num ato político ao desafiar o ideário feminino e japonês hegemônico (RADDAKER, 2005, p.34-35, tradução nossa).

As questões de gênero relacionadas aos parceiros dessas mulheres, porém, também incluíam os escândalos amorosos, os triângulos ou quadrados amorosos de Kanno e Noe, e, em uma contradição com a imagem inocente e coadjuvante, também ocorria a delas como promíscuas e degradantes, e até mesmo abrasivas (HANE, 1988, p.03). Na mesma perspectiva, também, por muitas vezes a sanidade de Kaneko foi duvidada e durante seu tempo presa, ela foi submetida a exames mentais que a diagnosticaram como sã, mesmo que, por outro lado, a sanidade de seu parceiro, Pak Yeol nunca fora questionada (RADDAKER, 2005, p.30).

## Conclusão

Como argumentado inicialmente, a visão geral do Japão permanece a de um país formado por uma população passiva, e esse preconceito recai especialmente nas mulheres japonesas. Por muitas vezes, esta concepção impede o entendimento de movimentos sociais que vão contra as heranças do imperialismo e séculos de cultura misógina. Esse artigo se mostra como um introdutório ao estudar três personalidades que foram essenciais na formação da luta feminista no Japão para uma pesquisa mais extensa a respeito desses contextos até os dias atuais.

## Referências

CRUMP, John. **The Anarchist Movement in Japan, 1906-1996**. Disponível em: <https://libcom.org/article/anarchist-movement-japan-1906-1996-john-crump>. Acesso em: 06 ago. 2023.

CRUMP, John. **The Origins of Socialist Thought in Japan**. Routledge Library, 2010.

HANE, Mikiso. **Reflections on the way to the gallows: rebel women in prewar Japan**. Berkeley : California University Press, 1988. p. 01 - 124.

RADDEKER, Hélène Bowen. **Anarchism, Feminism and Subjectivity in Imperial Japan: The Gendered Circumstances and Identities of Three Infamous Women**. Lilith: A Feminist History Journal, 2005.

RADDEKER, Hélène Bowen. **"Death as Life": Political Metaphor in the Testimonial Prison Literature of Kanno Suga**. Bulletin of Concerned Asian Scholars, Vol. 29, No. 2, 1997.